ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16930 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 20 - Psicologia da Educação

“NÃO GOSTO DE ESTUDAR”: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO

Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha - PUC/CAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Elvira Cristina Martins Tassoni - PUC/CAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

“NÃO GOSTO DE ESTUDAR”: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO

Este trabalho é um recorte feito em pesquisa mais ampla, que estuda a transição das crianças da Educação Infantil (EI) para o Ensino Fundamental (EF). Aqui trazemos para primeiro plano a constituição da motivação para o estudo - atividade principal segundo Leontiev (2006) e Elkonin (1987). Fundamentando-nos na teoria Histórico-Cultural, compreendemos o período de transição como um processo de alta complexidade e grande importância, no qual as crianças são instadas a ingressarem numa experiência educacional marcada por novidades e, muitas vezes, por rupturas entre o que viviam na EI e o que passam a viver no EF. Pesquisas já realizadas indicam que as crianças vivenciam esta transição com medo, insegurança, desconfiança, mas também alegria, satisfação e orgulho. Por um lado, reagem/temem o desconhecido; por outro, estão cientes do prestígio social que o momento tem e almejam-no. O ingresso na escola pode modificar de forma radical a personalidade infantil (VIGOTSKI, 1988), situando-a numa nova posição social e possibilitando novas relações com o adulto e com seus coetâneos. (MUKHINA,1996). Conforme Elkonin, já na idade pré-escolar “se forma en el pequeño la aspiración a realizar una actividad socialmente significativa y socialmente valorada, aspiración que constituye el principal momento en su preparación para el aprendizaje escolar” (ELKONIN, 1987, p. 118). Com base nestas considerações, ficamos desconcertadas quando ouvimos Pedro, uma criança de seis anos, dizer para a professora e colegas: “Eu só não gosto de estudar”.

Esta frase foi dita em abril, ou seja no início da vida de Pedro no EF e foi mobilizadora de esforços analíticos. Antes de apresentá-los, trazemos informações gerais sobre a pesquisa empírica realizada em quatro unidades de EI e duas do EF. As unidades escolares são próximas, geograficamente e boa parte de crianças destas EI são matriculadas nos primeiros ano das duas escolas de EF. Os procedimentos foram: observação do cotidiano, entrevistas com crianças, professoras e familiares, análise de material escolar e dos relatórios, aplicação de dois jogos (especialmente projetados para a pesquisa). De cada partida, com duração média de 1hora, participaram 4 crianças Foi numa destas partidas que Pedro e alguns colegas expressaram suas opiniões sobre estudar:

Professora: Não gosta? Ai, meu Deus, não acredito! Levei até uma facada aqui, agora! Por que, amor, você não gosta de estudar?

Pedro: Porque é chato.

Professora: Ah, por que é chato? Não tem **uma** coisinha legal de estudar?

[...]

Professora: Então responde para mim [...] Tem um jeito de estudar ficar legal? Como é que a gente faz para o estudo ficar legal?

Luca: Ter dois recreios.

Professora: Para o estudo ficar legal vai ter que pôr dois recreios?

Luca: Mil recreios!

Professora: Como a gente faz para a hora da lição ficar legal? Tem um jeito de fazer lição de um jeito legal?

Luca: Com duas aulas de Artes. Não quero estudar.

[...]

Professora: O que vocês acham que ia acontecer se a gente não viesse mais para a escola?

Pedro: Eu ia ficar feliz.

Maria Júlia: Eu também!

Nicolas: Eu também ia ficar feliz, só no arzinho ali, olha.

As palavras de Pedro parecem estimular os colegas a darem suas opiniões sobre a escola e sobre o estudo, prioritariamente negativas, ressalvando-se o recreio e as aulas de Artes (e, em outros momentos, a quadra e a Educação Física). A expressa falta de motivação para o estudo, mais frequentemente relatada na literatura no caso de anos finais do EF, é preocupante. Mas nem sempre foi assim. Nas entrevistas feitas ao final do ano anterior, quando Pedro ainda estava na EI, ele diz:

Pesquisadora: [Eu] queria saber como vocês se sentem em relação ao próximo ano, quando vão mudar de escola.

Pedro: Eu queria que ela [a futura professora] me desse sempre nota 10. Tenho certeza que ela vai dar sempre.

Pedro mostrava-se bastante interessado pelo EF, com expectativas de ter ótimo desempenho a ser reconhecido pela professora, pela atribuição de nota 10. Entretanto, justamente esta expectativa pode ser fonte de desencanto com a escola, com a professora, com o estudo. Primeiramente porque não há notas nos anos iniciais do EF na rede em foco. Em segundo lugar porque é pouco plausível um percurso de aprendizagem sempre tão "bem sucedido". Sendo assim, o desejo de notas 10 não será atendido e ele vai constatar isso logo nos primeiros dias de aula. Importante, ainda, problematizar que a motivação de Pedro nesta frase está relacionada a algo externo, alheio às principais funções do estudo (aprender e se desenvolver). Mas esta não é a sua única motivação. Em abril, poucos dias antes da partida do jogo, ocorreu o seguinte diálogo:

Pesquisadora: O que você quer aprender aqui na nova escola?

Pedro: Eu não sei o que quero. Não sei nem escrever ainda.

Pesquisadora: Então você quer aprender a escrever?

Pedro: Quero muito aprender a escrever.

Com estes trechos buscamos evidenciar como é complexo e desafiador compreendermos a motivação das crianças pela escola e por aquilo que se faz nela. E como não é possível simplesmente classificar os motivos em categorias claramente estabelecidas, como se costuma indicar a partir dos trabalhos de Leontiev como "motivos estímulos" e "motivos formadores de sentido" (FRANCO, 2019; LEONTIEV, 2006). No fluir das experiências, os motivos se interpenetram, se movimentam, deslocam-se, intensificam-se, atenuam-se. No nosso estudo esta complexidade também aparece quando a motivação declarada (ou a ausência dela) não corresponde com o que se observa no comportamento de Pedro.

Segundo relatos da professora, durante os primeiros meses, Pedro chorava com frequência, pedia pela mãe, perguntava quanto tempo faltava para terminar a aula. Diante das atividades repetia sempre "*não sei fazer*" ou "*não consigo*". A professora conta que sempre procurou estimulá-lo, "*fortalecer sua auto-estima*" e que percebe boas mudanças, estando Pedro mais desenvolto, orgulhoso do seu desempenho nas atividades, por exemplo, na velocidade da cópia do cabeçalho. Ou seja, com seu comportamento, dá pistas de estar integrado à rotina escolar e envolvido com as tarefas, exatamente no momento em que diz que não gosta de estudar e que seria feliz se não precisasse ir à escola.

Concluímos este texto conjecturando que as sucessivas mudanças nas significações de Pedro sobre escola e estudo provavelmente são mais a regra do que a exceção no caso de outras crianças. Só vivendo a transição é possível saber, efetivamente, o que representa estar

no primeiro ano e as (re)significações parecem-nos inevitáveis. É preciso ouvi-las. É preciso dialogar com elas e construir respostas para a professora participante do nosso estudo sobre o que fazer para o estudo "ficar legal". De nossa perspectiva, são muitas respostas possíveis, mas que passam pelo esclarecimento sistemático para as crianças sobre a função social dos conhecimentos e das práticas escolares e pelo minucioso trabalho de mostrar, concretamente, que estão se tornando cada vez mais capazes de realizá-las.

Palavras-chave: transição escolar; estudo; motivação.

REFERÊNCIAS

ELKONIN, D.B. Sobre o problema da periodização do desenvolvimento psíquico na infância.In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. La Psicología Evolutiva y Pedagogia em la URSS. Moscou: Progresso, 1987. p. 104-124.

FRANCO, P.L.J. O desenvolvimento de motivos formadores de sentido no contexto das atividades de ensino e estudo na escola pública brasileira. Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.Uberlândia. p.238-250. 2019.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. In: VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2006.

MUKHINA, V. Psicologia da Idade Pré-escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, L.S. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In: VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone.2006.